

**A MULHER: BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA ANOTADA
(MONOGRAFIAS, 1518-1998)**

[Maria Regina Tavares da Silva, *A Mulher. Bibliografia Portuguesa Anotada (Monografias, 1518-1998)*, Prefácio de Maria de Lourdes Pintasilgo, Lisboa, Edições Cosmos, 1999, 371+ XVI pp.]

Graça Abranches

Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra

Ao recensar em 1977, para a revista *Signs*, as bibliografias dirigidas para a investigação sobre as mulheres, Patricia K. Ballou salientava como a pesquisa na área de Estudos sobre as Mulheres em Inglaterra e nos EUA se tinha distinguido pelo facto de a explosão de publicações nesta nova área científica ter sido, desde o início, acompanhada pela consciência da premente necessidade de instrumentos bibliográficos adequados, nomeadamente catálogos de fontes, guias de leitura, resenhas bibliográficas e bibliografias anotadas e críticas, como aliás atesta o elevado número de publicações analisado nesse estudo. Entre nós foi preciso aguardar até 1999 para podermos dispor de uma primeira bibliografia geral retrospectiva portuguesa de monografias sobre as mulheres. Este simples facto bastaria para destacar o trabalho pioneiro de Maria Regina Tavares da Silva. Mas o rigor deste levantamento e o cuidado posto nas notas de leitura que acompanham a maioria dos títulos inventariados tornam esta bibliografia um instrumento de trabalho absolutamente indispensável para as investigadoras e investigadores que se dedicam aos Estudos sobre as Mulheres em Portugal.

Na introdução, a Autora dá-nos conta do âmbito do seu estudo, e de como tentou conciliar, numa recolha "significativa", em termos quantitativos e qualitativos, um objectivo de bibliografia geral com a impossibilidade material de exaustividade. Às dificuldades habituais em trabalhos deste tipo, acrescem, no presente caso, duas ordens de problemas. A primeira é inerente ao tema: quem se não lembra da narradora de *A Room of One's Own* de Virginia Woolf, esmagada pela "descoberta", no catálogo do Museu Britânico, de que o mais discutido animal do universo é a mulher? Ou de que, ao longo dos séculos, especialistas das mais diversas áreas, ensaístas, políticos e homens da Igreja, romancistas e poetas, sábios e ignorantes, novos e velhos, homens cuja única aparente habilitação para o efeito era "não serem mulheres", nos deixaram milhares de volumes precisamente sobre ... "A Mulher"? Por outro lado, a multiplicidade de trabalhos que, desde a década de 70, se devem ao desenvolvimento do interesse pelos Estudos sobre as Mulheres/Estudos Feministas/Estudos sobre o Género, caracterizam-se, mesmo quando desenvolvidos numa determinada área científica, pela interdisciplinaridade ou por uma vocação transdisciplinar. A um monstro bibliográfico informe, velho de séculos, agregou-se assim, nas últimas décadas, um corpo textual de contornos imprecisos. Talhar um *corpus* coerente nesta matéria fugidia é tarefa ousada e árdua,

sempre passível de reparos ou objecções: porque se inclui isto e não aquilo? A este problema junta-se o segundo tipo de dificuldade — a investigadora portuguesa não tem à sua disposição, como a narradora de Woolf, o catálogo da *British Library*... Os catálogos de assuntos das nossas bibliotecas são lacunares e frequentemente pouco rigorosos (caso agravado em relação a uma área científica de recente e ainda incipiente institucionalização entre nós), e são poucas e parcelares as bibliografias e catálogos de fontes publicados neste domínio (realcem-se, entre outras, as contribuições da própria autora, de Ivone Leal, de Luís Campos, de Ana Nunes de Almeida).

Estas dificuldades transparecem nas opções quanto ao escopo do catálogo, de que a Autora nos dá conta na introdução, e nomeadamente nas decisões de excluir certos tipos de publicação ou certos domínios. A exclusão é sempre cuidadosamente modulada por um “genericamente” — ou seja, há casos, que a Autora procura por vezes categorizar, que acabam sendo incluídos neste inventário. Quanto ao tipo de publicação, por exemplo, e uma vez que se trata de uma bibliografia de monografias, estão à partida excluídas as publicações periódicas (excepção feita, em alguns casos, a números temáticos) e os estudos nelas publicados que não tenham sido divulgados em separatas, bem como teses e trabalhos académicos policopiados, excepto quando referidos na Porbase ou disponíveis na Biblioteca Nacional ou na CIDM. Aceitando as delimitações impostas pela Autora neste domínio, o arrolamento de apenas algumas espécies torna mais visíveis as ausências. E, embora as lacunas detectadas, quer em relação a números monográficos ou temáticos de revistas, quer relativamente a teses e trabalhos académicos, mais não façam do que realçar as limitações do acervo bibliográfico e da catalogação das nossas bibliotecas (e já agora também o nosso descuido, de investigadoras e investigadores, ao não enviar para a biblioteca da CIDM — a nossa melhor biblioteca especializada nesta área — os nossos trabalhos ou exemplares das revistas em que colaboramos ou coordenamos), o certo é que podem dar à leitora menos atenta uma imagem demasiado parcelar da produção científica recente nesta área. É urgente o recenseamento bibliográfico exaustivo de trabalhos académicos com relevância para este domínio, como são urgentes catálogos *raisonnés* de estudos em publicações periódicas (uma parte muito significativa da produção científica dos últimos anos na área de Estudos sobre as Mulheres em Portugal, como aliás salienta a Autora na sua introdução, encontra-se dispersa em publicações periódicas). O mesmo se poderá dizer quanto aos estudos publicados no estrangeiro por investigadoras e investigadores portugueses ou por investigadoras estrangeiras sobre temática portuguesa, de que são arrolados alguns exemplos. (Não poderia a APEM chamar a si a iniciativa de lançar/incentivar estes projectos?)

Quanto à delimitação dos domínios, tratando-se de uma bibliografia de “ensaios e estudos de carácter diverso”, dela foram excluídas à partida obras literárias, excepto, nas palavras a Autora “muito esporadicamente, poesia, quando o tema é exclusivamente a mulher — algumas antologias e uma ou outra obra individual”. É congruente com os objectivos assumidos da bibliografia a exclusão da literatura — embora, também aqui, as fronteiras entre literatura/não literatura e prosa ficcional/prosa não ficcional nem sempre sejam claras (um dos exemplos mais

flagrantes será Júlio Dantas). Igualmente excluídas foram as obras de “carácter estrita ou predominantemente técnico” de fisiologia e medicina, ou da “área da sexualidade”, os manuais e receituários que constituem conjuntos específicos (referentes a economia doméstica, trabalhos manuais, cuidados de beleza, regras de civilidade), bem como sermões, discursos políticos e estudos de carácter biográfico (excepto quanto versam um conjunto de mulheres). No seu prefácio, Maria de Lourdes Pintasilgo manifesta as suas dúvidas quanto à exclusão dos conjuntos relativos à saúde e sexualidade e à não inclusão de autobiografias de mulheres. Creio que a exclusão das autobiografias (certamente por arrastamento da exclusão da “literatura”) levantará menos dúvidas do que a exclusão parcial da área da medicina e da sexualidade, onde me parece difícil identificar o que seja “um carácter estritamente técnico” (não ideológico?) dos discursos ou representações — terá este critério determinado, por exemplo, a inclusão de Jaime Brasil (*A Questão Sexual*) e a exclusão de Egas Moniz (*A Vida Sexual*)? E se pensarmos na psiquiatria e na psicologia, e na relevância normativa dos seus discursos dominantes para a construção social de “A Mulher”, mais escorregadio se torna o critério do “estrita ou predominantemente técnico”. Um outro conjunto de textos importante para a história das ideias sobre as mulheres em Portugal é o constituído pelas adaptações e traduções (frequentemente com prefácios originais) de obras estrangeiras. Mas, inevitavelmente, a leitura de um trabalho deste tipo — e não será esse um dos seus menores méritos — sugere-nos inúmeras pistas de como pode (e deve) ser alargado e continuado.

Optou a Autora por organizar o material em catálogo onomástico, seguido de uma utilíssima listagem das obras (com algumas omissões) por 15 temas, folhetos volantes e vária (pena é, neste contexto, que não tenha sido contemplada uma entrada para bibliografias e outras obras de referência). Dada a amplitude cronológica de quase cinco séculos e o elevado número de espécies inventariadas, creio que teria sido preferível uma organização cronológica (à semelhança do que a Autora fez no catálogo de 1983 da *Exposição Bibliográfica sobre a Mulher*) — por exemplo, uma divisão por séculos até ao século XIX, e três grandes períodos no século XX (até final da década de 20, dos anos 30 ao final de 60, de 70 em diante), facilitaria a consulta e proporcionaria uma mais imediata perspectiva histórica e identificação do que, em determinado momento, se escreveu sobre as mulheres portuguesas. Um índice de autores poderia nesse caso acompanhar o índice de assuntos, no final do trabalho.

O dedicado labor de muitos anos, o rigor intelectual da Autora e o convívio familiar com os textos — e muito em particular com as obras menos acessíveis (maioritariamente não reeditadas) e menos conhecidas — encontram a sua máxima expressão nas notas de leitura que acompanham este inventário, sobretudo nas que respeitam a títulos não contemporâneos (que nestes, a anotação, quando existe, é de natureza estritamente descritiva e limita-se em geral a reproduzir o índice de matérias ou o que o/a autor/a anuncia ir fazer). Nos outros casos, sente-se a Autora mais à vontade para expressar os seus juízos, e só por excessiva modéstia se pode falar em bibliografia anotada — muitos são os exemplos de excelentes e sintéticas notas críticas, redigidas com acribia e uma certa e oportuna captação de citações,

frequentemente aforísticas. Também por isso esta bibliografia se *lê* — e não apenas se consulta — oferecendo-nos a sua leitura, como assinala Maria de Lourdes Pintasilgo, para além de novos conhecimentos, pérolas de insuspeitado humor (a isto também por certo se referiria Virginia Woolf, quando dizia que a história da oposição dos homens à emancipação das mulheres era talvez mais interessante do que a própria história dessa emancipação...).